BARRETO, Maria Cristina Rocha. A Socie dade Transparente segundo Byung-Chul Han.. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v.18, n.54, p. 119-122, dezembro de 2019 ISSN 1676-8965.

RESENHA

http://www.cchla.ufpb.br/rbse/

A Sociedade Transparente segundo Byung-Chul Han

The Transparent Society by Byung-Chul Han

Maria Cristina Rocha Barreto

HAN, Byung-Chul. *Sociedade da Transparência*. Petrópolis: Vozes, 2018. 116p.

Byung-Chul Han, nasceu em Seul, capital da Coréia do Sul, em 1959. É um filósofo sul coreano com uma trajetória de vida *sui generis*. Inicialmente estudou metalurgia logo após terminar o ensino médio e, depois de uma explosão química em sua casa, resolveu mudar-se para a Alemanha, mesmo sem saber falar a língua do país. Daí em diante mudou completamente seus interesses de estudo e, em Munique, especializou-se em literatura e teologia alemã, depois seguiu para Freiburg, onde concluiu seu doutorado em filosofia, em 1994 (WEST, 2017), com uma tese sobre Martin Heidegger (HAN, 2014). Desde 2012, Han é professor de Filosofia e Estudos Culturais na Faculdade de Artes de Universidade de Berlim (CUNHA, 2015).

Ele discorre em frases curtas e em um texto fluido sobre os problemas do homem contemporâneo, e pode ter sido essa característica, além de uma atualização na leitura de autores relativamente esquecidos da década de 1970, que atraiu a atenção para seus trabalhos em outros países fora da Alemanha. O primeiro a ser publicado foi *A Sociedade do Cansaço*, em 2017 (em inglês *The Burnout Society*, 2010). No Brasil, seus trabalhos têm sido publicados pela Editora Vozes como *Sociedade da Transparência* (2017) – aqui resenhado –, *Agonia do Eros* (Petrópolis: Vozes, 2017), *No Enxame: perspectivas do digital* (2018), *O que é Poder?* (2019); *Hipercul turalidade: cultura e globalização* (2019) e *Bom Entretenimento* (2019).

Han possui influências intelectuais diversas, facilmente comprovadas na leitu ra de sua obra, que passam por autores como, entre outros, Hegel, Heidegger, Nietzsche, Adorno, Benjamin, Simmel e Freud, no espectro alemão, mas também traz para a reflexão pensadores de outras nacionalidades como Baudrillard, Barthes, Sennett, Agamben, entre outros.

O livro *Sociedade da Transparên cia* está dividido em nove capítulos, nos quais o autor examina as características da sociedade contemporânea

que, segundo ele, exige exposição e publicização de tudo e de todos. Logo no primeiro capítulo, *So ciedade Positiva*, começa por demonstrar a ubiquidade do tema principal do livro, que domina o discurso público e que se combi na com a ideia da liberdade de expressão. Afirma que a sociedade da negatividade vai dar cada vez um maior espaço para a positividade, ou seja,

quando [as coisas] se tornam *rasas* e *planas*, quando se encaixam sem qualquer resistência ao curso raso do capital, da comunicação e da infor mação. As ações se tornam transpa rentes quando se transformam em *o peracionais*, quando se subordinam a um processo passível de cálculo, go verno e controle. (HAN, 2017, p. 10). 120

Refuta, porém, a ideia superficial de que a transparência se relaciona apenas com a questão da corrupção e da liberdade de informação, uma vez que ela envolve, modifica acelera a comunicação e unifor miza todos os processos sociais. Esta é a positividade que substitui a negatividade do outro, do estranho. A transparência, para Han, é uma violência e transforma o ser humano em um "elemento funcional de um sistema" e defende que se mantenha certa privacidade em detrimento de uma total "iluminação".

A alma humana necessita naturalmente de esferas onde possa estar *junto de si mesma*, sem o olhar do ou tro. Pertence a ela uma impermeabilidade. Uma total 'iluminação' iria *carbonizar* a alma e provocar nela uma espécie de *burnout psíquico*. Só a máquina é transparente; a esponta neidade... e a liberdade, que perfazem como tal a vida, não admitem transparência. (HAN, 2017, p. 13).

A total transparência, excesso de informações e de exposição, exige a elimi nação da esfera privada e, no entanto, "o ser humano *sequer* é transparente *para consigo mesmo*". É impossível que ela a conteça entre os indivíduos, então, não sendo nem mesmo desejável, para poder manter vivas as relações. É preciso manter de algum modo a alteridade, a privacidade, protegendo da total iluminação *os lugares de refúgio discretos*, sem o que o mundo se torna desavergonhado e desnudo (HAN, 2017, p. 14-15).

A sociedade positiva, ao mesmo tempo, não admite a negatividade e é desse modo que esquecemos como lidar com o sofrimento, como lhe dar forma, e também onde o amor é uniformizado e "é nivelado em um arranjo de sentimentos agradáveis e de excitações complexas e sem consequên cias" visando o consumo e evitando qual quer profundidade. Da mesma forma, Han inclui a Política na esfera da negatividade, uma vez que se apóia em ações estratégicas que exigem ocultação. Uma Política trans parente seria feita de opiniões sem ideolo gia, sem cor, "… a atual *sociedade da opi*

nião deixa intocado aquilo que já existe. A flexibilidade da *liquiddemocracy* consiste em trocar cores, dependendo da situação..." (HAN, 2017, p. 23). A sociedade positiva é, para Han, uma sociedade de acúmulo de informações que não produzem verdade, pois a elas faltam-lhes direção, saber e sentido, em uma expressão, *falta-lhes ser* e precisão.

No segundo capítulo, *Sociedade da Exposição*, Han traz para a discussão auto res como Benjamin, Barthes, Baudrillard e Heidegger mostrando como esta positivi dade exige a necessidade de exposição das mercadorias para que as coisas possam *ser*. É a predominância do valor expositivo sobre o valor cultual, o império da visibili dade que faz desaparecer a *aura* como um distanciamento. Lembra Benjamin (1993) para demonstrar que o semblante humano hoje possui apenas valor expositivo, trans formado em *face*, e perdeu sua autenticida de através do Photoshop.

A face é o rosto exposto sem qual quer 'áurea da visão'. É a forma de mercadoria do 'semblante humano'. A face como superfície é mais trans parente do que aquele rosto ou sem blante que representa... o lugar ex cepcional no qual irrompe a trans cendência do outro. A transparência é uma contrafigura da transcendência, e a face habita a imanência do igual. (HAN, 2017, p.29).

Esse valor de exposição é radicali zado na fotografia digital, que expurga toda a negatividade do tempo, do devir, do envelhecer e do morrer. A fotografia digi tal é transparente, não é mais testemunho do que foi. Não é mais como afirmado por Barthes, que a "data é parte da foto" tra zendo a percepção da vida, da morte, do desaparecer inevitável das gerações (HAN, 2017, p.31).

A sociedade da exposição é então, para Han, uma sociedade pornográfica onde tudo é mostrado, tudo é desvelado e voltado para fora. Ela elimina o mistério das coisas, levando à alienação do corpo, que é transformado em objeto explorado. E este valor expositivo requer uma bela apa-

RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção v.18 n.54 dezembro de 2019 ISSN 1676-8965

121

rência e é por ela maximizado. O que é interior não tem valor, pois é invisível e não chama a atenção, roubando a própria face dos indivíduos – não é mais possível ser sua própria face – levando a um vazio de sentido (HAN, 2017, p.32-37).

Esta sociedade da exposição é complementar à sociedade da evidência, cuja positividade é inimiga do prazer. O prazer não consegue conviver com a trans

parência, já que esta lhe nega o mistério do véu que intensifica o desejo. "O jogo com a ambiguidade e ambivalência, com misté rio e enigma eleva a tensão erótica, e, as sim, a transparência ou a univocidade leva ria ao fim do *Eros*" (HAN, 2017, p.40). É desse modo que a sociedade da transparên cia se tornaria pornográfica, pois é em no me dela, da transparência, que se exige um desnudamento ilimitado, que sacrificaria o prazer trazido pelas fantasias. E esta, diz Han (2017, p.41), é essencial para a eco nomia do prazer, já que estabelece, através do jogo imaginativo, o adiamento tempo ral. Para ele, a fruição imediata não permi te esse jogo, desembocando, deste modo, em uma sociedade pornográfica.

Os temas da exposição e da evidên cia prosseguem no quarto capítulo através das noções de pornografia e obscenidade, em um diálogo com a visão teológica política de Giorgio Agamben. Por sua vez, sua abordagem vai utilizar-se dos pensa mentos de Benjamin, sobre a nudez, e de Kant, sobre o sublime (CUNHA, 2015). Han vai mostrar que a transparência não é o meio do belo. Para isso, cita Benjamin:

para a beleza é indispensável uma in terligação indissolúvel entre vela mento e velado; pois nem o véu nem o objeto velado são o belo, mas obje tos em seu véu. Mas desvelados, iri am se mostrar infinitamente invisí veis... Não se deve, portanto, designar diferentemente aquele objeto ao qual é essencial ser recoberto por um véu. E uma vez que só o belo e fora dele nada mais pode ser essencialmente velante e velado, o fundamento divino ontológico da beleza repousa no mis tério. (BENJAMIN, apud HAN,

2017, p. 51 – grifo nosso)

A partir daí se estabelece uma dis cussão entre o belo e o sublime na tradição cristã ocidental. O sublime vai além do belo, pois supera a imaginação, assim co mo supera qualquer representação ou substituição. Porém, o corpo desnudo, sem o véu, transparente, não é sublime, porque é justamente a exposição que o torna carne e, consequentemente, obsceno. Han reforça neste capítulo a ideia de que a transparên cia elimina o mistério e que por isso trans forma o corpo em pornografia: "Pornográfica é a *face* que se sobrecarrega até em panturrar-se de valor expositivo" (HAN, 2017, p.59). Dito em outras palavras, o capitalismo é o que torna a sociedade por nográfica quando transforma a sexualidade em mercadoria, conferindo a ela uma hi pervisibilidade.

Trazendo novamente o tema da fo tografía, Han discute, a partir de

Barthes, a falta de intensidade semiótica das imagens midiáticas. Essa hipervisibilidade e exces so das imagens midiáticas excluem a me mória e servem apenas para uma satisfação imediata, transformando-se em imagens pornográficas, que são "desculturalizadas, não apresentam nada que possa ser lido... Elas se esvaziam em *espetáculo*; a socie dade pornográfica é uma sociedade do *es petáculo*" (HAN, 2017, p.67).

No capítulo denominado *Sociedade da aceleração*, Han discute a Teoria da Obscenidade em Sartre, aplicando-a aos corpos sociais, seus processos e movimen

tos. Afirma que o corpo social se torna obsceno quando perde sua narratividade, seu direcionamento e seu sentido. A socie dade da transparência perdeu seus rituais e cerimônias, que são processos narrativos, uma vez que têm seus tempos, ritmos e cadências específicos e os substituiu pela hiperatividade, pela hiperprodução e pela hipercomunicação. Nesse processo atingiu

se a memória, que se tornou um amontoa do de lixo e de dados desorganizados em "lojas de sucata", despojados de sua histó ria (HAN, 2017, p.76).

A perda da narratividade prossegue como tema do capítulo denominado *Socie*-

RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção v.18 n.54 dezembro de 2019 ISSN 1676-8965

122

dade da Intimidade. Aqui Han se utilizará das reflexões de Sennett em O Declínio do Homem Público para demonstrar que o mundo se tornou um mercado onde se ex

põem, consomem e vendem intimidades. Ele considera a intimidade como *a fórmula psicológica da transparência:* "imagina-se alcançar a transparência da alma revelan

do-se os sentimentos e emoções íntimos, desnudando-a" (HAN, 2017, p.81). Esse desnudar da alma tem seu corolário nas redes sociais e sites de busca, onde se en

contram apenas os que são iguais. Elimi nou-se aí a negatividade e apenas se ofere ce aos usuários aquela parte do mundo que lhe agrada. O caráter público é substituído pela publicização da pessoa, transforma-se em espaço de exposição. A sociedade da intimidade é psicologizada porque está voltada para a exibição mais aguda da sub jetividade dos indivíduos.

Juntamente com a perda da narrati vidade, a sociedade da transparência vê surgir um novo tipo de panóptico, o panóp tico digital, diferente daquele da sociedade disciplinar, no qual a vigilância despótica exerce seu poder a partir do centro. O novo panóptico é isento de perspectiva e por isso mesmo, é mais eficiente.

A permeabilidade transparente a perspectivística é muito mais eficien te do que a supervisão perspectivísti ca, visto que é possível ser iluminado e tornado transparente a partir de to dos os lugares, por cada um (HAN, 2017, p.106).

O panóptico digital é também mais eficiente porque, ao contrário dos habitan tes do panóptico de Bentham, os digitais acreditam estar em liberdade, estão ligados em rede e se comunicam intensamente entre si. A transparência é reforçada pela hipercomunicação, com os indivíduos ex pondo-se continuamente a partir de uma necessidade interna: "o medo de renunciar à sua esfera privada e íntima dá lugar à necessidade de se expor à vista sem qual quer pudor" (HAN, 2017, p.109).

Com esse pensamento, Han conclui sua visão da transparência como uma das principais características da sociedade con temporânea. Os indivíduos se tornaram transparentes por uma constante necessi dade de exposição, um constante desnu damento e renúncia à privacidade.

A soci edade perdeu sua capacidade narrativa e vive em um tempo acelerado, sem memó ria, em que tudo acontece de forma hiper bólica: as atividades, a produção e a comu nicação.

Finalmente, a transparência, esti mulada ainda mais pela vida digital, pelas experiências que acontecem na rede mun dial de computadores, lançou os indivíduos em uma hipervigilância mútua, que supera a ideia do panóptico, porque descentraliza da e global. A transparência vai além à nudez, uniformizando as pessoas, trans formando-nos a todos em mais do mesmo.

Referências

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época da sua reprodutibilidade técnica. In Walter Benjamin. *Obras Escolhidas*, p.165-196. 5ª ed. São Paulo: Ed. Brasilien se, 1993.

CUNHA, Diogo Silva da. Positividade, Transparência e Controlo. A Sociedade da Transparência. *Comunicação Pública*, v. 10, n. 17, 2015. Disponível em http://journals.openedition.org/cp/913 (Consulta em 11/10/ 2019).

WEST, Adrian Nathan. Media and Trans parency: An Introduction to Byung-Chul Han in English. *Los Angeles Review Books (LARB)*, 14/09/2017. Disponível em

https://lareviewofbooks.org/article/media and-transparency-an-introduction-to byung-chul-han-in-english/ (Consulta em 05/10/2019).

HAN, Byung-Chul. Aviso de derrumbe. *El País*, 21/03/2014. Disponível em: http://cultura.elpais.com/cultura/2014/03/18/actualidad/1395166957 655811.html (Consulta em 05/10/2019).

 $RBSE\ Revista\ Brasileira\ de\ Sociologia\ da\ Emoção\ v.18\ n.54\ dezembro\ de\ 2019\ ISSN\ 1676-8965$